

# PÉROLAS DE NOSSOS TEMPOS: Um breve panorama da poesia maranhense contemporânea<sup>1</sup>

José Neres\*



Vivemos em uma terra privilegiada. Se não podemos nos orgulhar de termos um Índice de Desenvolvimento Humano digno de ser apresentado em público. Se não nos podemos ufanar de ter saúde, educação e outros indicadores de qualidade de vida. Se não podemos dizer que temos um patrimônio urbanístico preservado e atraente para os diversos turistas ou

---

<sup>1</sup> Comunicação apresentada no dia 10 de agosto de 2018, no Palácio Cristo Rei, São Luís (MA), por ocasião das comemorações do 5<sup>a</sup> aniversário da Academia Ludovicense de Letras, em mesa-redonda composta também pelos professores/escritores Antônio Ailton e Dinacy Correa, sob a coordenação da acadêmica Ceres Costa Fernandes.

\* **JOSÉ NERES** é graduado em Letras (Português-Espanhol), pela Universidade Federal do Maranhão, especialista em Literatura Brasileira (PUC-MG), em Pedagogia Empresarial e Educação Corporativa (Uninter), em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Espanhola (Universidade Candido Mendes), mestre em Educação (Universidade Católica de Brasília) e Doutorando em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional (Anhanguera-Uniderp). É autor de diversos livros e artigos sobre literatura, educação e meio ambiente em revistas e jornais locais e nacionais. É membro efetivo da Academia Maranhense de Letras (cad. 36), membro convidado da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores (Sobrames) e membro-correspondente da Academia Itapecuruense de Ciências, Letras e Artes (Aicla).

mesmo para a população local. Se não estamos podendo aproveitar em sua totalidade as águas de nossas praias. Mesmo com todos esses e muitos outros percalços e entraves, cada um de nós pode bater no peito e se orgulhar de pertencer a uma terra em que as artes fazem parte do dia a dia de quem se dispuser a aproveitar as maravilhas de nossas belas músicas, de nossas peças teatrais, de nosso emergente cinema, de nossa prosa e de nossos versos.

É sempre muito difícil enumerar os nomes dos homens e mulheres de letras que ilustram nossa terra. É muito difícil encontrar outra unidade federativa que tenha contribuído tanto para o engrandecimento da literatura brasileira. Podemos nos orgulhar de dizer que vivemos na mesma terra em que nasceram poetas como Gonçalves Dias, Maria Firmina dos Reis, Adelino Fontoura, Raimundo Corrêa, Trajano Galvão, Odylo Costa, filho, Gentil Homem de Almeida Braga, Sousândrade, Nauro Machado, Dagmar Destêro, Bandeira Tribuzi e Ferreira Gullar. Temos a honra de dizer que somos conterrâneos de teatrólogos como Artur Azevedo, Fernando Moreira e Aldo Leite. Devemos ter orgulho de compartilhar o mesmo solo por onde passaram prosadores como João Francisco Lisboa, Alúcio Azevedo, Viriato Correia, Graça Aranha, Coelho Neto, Lucy Teixeira, Nascimento Moraes, Conceição Aboud, João Mohana e José Louzeiro.

Mas, felizmente, nem tudo nas letras maranhenses é passado. Temos grandes autores produzindo obras de grande nível, como é o caso de Ronaldo Costa Fernandes, Bruno Azevêdo, Bruno Tomé Fonseca, Bioque Mesito, Hagamenon de Jesus, Luís Augusto Cassas, Rinaldo de Fernandes, Rossini Correia, Arlete Nogueira da Cruz, Viriato Gaspar, Marcos Fábio Belo Matos, Lúcia Santos, Sônia Almeida, Waldemiro Viana, José Ewerton Neto, José Sarney, Laura Amélia Damous, Paulo Melo Sousa, Wilson Marques, Wilson Martins, Sharlene Serra, Tácito Borralho e tantos outros talentosos escritores

que diariamente transformam inspiração em ideias, ideias em palavras, palavras em textos e textos em livros e livro em arte.

Como nosso tempo é exíguo, vou-me limitar a ler e comentar 10 pequenos textos de autores diversos, apenas como forma de incentivar a busca pelos livros completos de onde os poemas foram retirados. Sem dúvida alguma, em um caso como este, escolher uma dezena de poemas em um universo de milhares é uma tarefa muito dolorosa e injusta, pois fatalmente bons poemas ficarão fora da lista. Mas quais foram os critérios de seleção? Além da evidente qualidade dos textos, o gosto pessoal do autor foi levado em consideração. Como esta data é alusiva também ao aniversário de Antônio Gonçalves Dias, o maior poeta do Maranhão e um dos mais significativos das letras brasileiras, foram selecionados apenas poemas, mas em outra ocasião, o mesmo trabalho pode ser feito com representantes de outros gêneros literários.

Começo com uma pequena preciosidade em forma de monóstico escrito pelo poeta caxiense Carvalho Júnior em seu livro *No alto da Ladeira de Pedra*. Em apenas uma simbólica linha de texto, esticada como se fosse uma corda, o jovem poeta consegue aglutinar uma boa quantidade de temas que atormentam nossa sociedade pós-moderna. Ele diz:

matei-me com a corda que não pulei na infância.<sup>2</sup>

Múltiplos são os temas que podem advir da leitura deste aparentemente singelo verso. A condição infantil, o suicídio físico e psicológico, a reflexão sobre um passado sofrido, a ocultação do próprio eu, que se esconde por trás de uma elipse, a constatação freudiana de que todos os problemas do homem têm origem na infância e a busca de uma identidade são algumas das

---

<sup>2</sup> CARVALHO JUNIOR. *No alto da ladeira de pedra*. São Paulo: Patuá, 2017. p. 13.

temáticas que podem ser discutidas à exaustão nesse pequeno verso que pode esconder dentro de si todo um uni-verso de (in)finitudes humanas.

Da poetisa Lúcia Santos, autora de livros como *Batom Vermelho*, *Tanto Azul Quanto Blue* e *Uma Gueixa para Bashô*, destaco o poema *Quarto Escuro*, no qual a escritora metaforiza que:

num ponto abstrato  
desse imenso concreto  
meu olhar bóia  
nessa visão analfabeta  
constato:  
a solidão é um teto  
sem clarabóia<sup>3</sup>

Nesse poema, o eu lírico faz um mergulho de dentro para fora de um ser sufocado e que tem consciência de se equilibrar entre a solidez e a solidão de uma vida cercada de vazios e o desejo íntimo de olhar para fora de um espaço limitado pelas próprias limitações. A leveza da boia e a dureza do concreto servem como ilustração de um paradoxo do qual se torna muito difícil escapar. O teto e o concreto são limitantes e a ausência de um ponto de escape (a claraboia) trazem ao mesmo tempo uma singular sensação de vazio e de sufoco misturada com a incomunicabilidade das sensações inefáveis.

Do livro de estreia de Luís Augusto Cassas – *República dos Becos* – trago o provocativo poema *Parábola*, abaixo transcrito:

Domingo de Ramos  
eles vestem a fatiola engomada nas dobras  
e voltam contritos e triunfais com um ramo nas mãos.  
Um ramo colhido na melhor palmeira da paróquia  
e bento na igreja santificada do bairro.  
Seguem puros para casa? Não.  
Planejam nova invasão no Coroadinho.<sup>4</sup>

Trata-se de um poema também aparentemente simples, mas que traz uma forte tensão entre o sagrado e o profano, o concreto e o abstrato, a

<sup>3</sup> SANTOS, Lúcia. *Batom vermelho*. São Luís: Func, 1998. p. 49.

<sup>4</sup> CASSAS, Luís Augusto. *República dos Becos*. Rio de Janeiro: 1981. p. 85.

aparência e a essência. O ar de sacralidade presente na primeira parte do texto contrasta com a ironia desbragada no verso final, no qual o leitor acaba percebendo a denúncia sobre o abismo existente entre as teorias religiosas e as práticas mundanas

Viriato Gaspar, quase no final de seu livro *Sáfara Safra*, de 1994, deixa para o leitor o breve, porém significativo poema ALMA, no qual a imagem poética ganha uma projeção que vai além das próprias palavras. Em sua leitura, o texto acaba remetendo ao conhecido poema *Serenata Sintética*, de Cassiano Ricardo, tanto pela singeleza das palavras quanto pela solução imagética alcançada pelos dois poetas. O escritor maranhense consegue imprimir nesses três versos um dinamismo próprio que possibilita ao leitor visualizar mentalmente uma sutil cena que lembra uma tela em aquarela, mas com movimento. Eis o poema.

uma rua de passos sonolentos  
uma porta que bate  
e foi o vento.<sup>5</sup>

O poeta Celso Borges, autor de diversos livros, em seu *Persona Non Grata*, brinca com a obra de um dos maiores nomes da literatura mundial e com seu mais famoso poema. O título – *Minha vida sem saída de Edgar Allan Poe* – é bastante significativo e serve inclusive como chave para o leitor começar a penetrar nas entranhas do poema e do jogo intertextual a que ele remete.

Usando a espacialidade dos vocábulos, mas não se limitando a isso, Celso Borges joga com as palavras e com as imagens para conseguir um efeito gráfico/plástico que remete tanto à figura física do corvo e de seu olhar interrogativo quanto ao vazio e ao centro de tudo (hardcore). Mais que um efeito sonoro, o uso da conhecida expressão em inglês (never more) é

---

<sup>5</sup> GASPARG, Viriato. *Sáfara Safra*. São Luís: SIOGE, 1994. p. 149.

essencial para trazer à baila o tom fechado do poema e fazer a fusão entre a melopeia e a logopeia.

curvo o corpo  
 eu corvo canto  
 meu vazio hardcore  
 eu corvo maldito  
 never more<sup>6</sup>

Em dois mil, o poeta Antônio Ailton estreava em livro com seu *As Habitações do Minotauro*. Um de seus poemas mais conhecidos, tantas vezes recitado em festivais e eventos, é *Biobibliografia*, no qual há um mergulho no próprio ser. Não se trata de um poema fácil. Na verdade, os múltiplos jogos de linguagem e de imagens desnorteiam o leitor e provocam uma sensação de identificação com um eu lírico esfacelado e multiplicado em pó e cinza. O passado e o presente se mesclam de forma a desnortear o homem que busca em si o próprio eu, seja no reconhecer(-se) na figura dos seus familiares, seja por não se ver em uma aparência que busca eternizar-se em essência. O poema exige cuidado e atenção em sua leitura, tanto em voz alta quanto em um olhar reflexivo em busca do ser humano que se esconde e se mostra em cada verso.

Hoje mesmo me declaro o empréstimo,  
 também o pó. E a cinza do holocausto.  
 Criatura do Deus-em-favor-dos-outros,  
 Imagem e semelhança dos livros que li,  
 os quais em todos os poemas são a expressão  
 do gozo supremo de meu pai, ao transmitir  
 as dores da mãe que me teve  
 com a sabedoria hebraica das parteiras.  
 Pode-se dizer de minha palavra que sou outro  
 do outro que não se possui.

Fica o dito  
 Pelo não dito.<sup>7</sup>

<sup>6</sup> BORGES, Celso. *Persona non grata*. São Paulo: Edições Guarnicê. p. 87.

<sup>7</sup> AILTON, Antônio. *As habitações do Minotauro*. São Luís: Func, 2000. p. 37.

Escritora de grande dicção poética, Wanda Cunha, em seu livro *Rede de Arame*, de 1986, publica o belo e engajado poema *Aliteração*, no qual aproveita para tecer críticas sociais capazes de atravessar diversas décadas, possivelmente séculos, da história de um país em que as injustiças sociais se tornaram regras travestidas de exceções. O poema aparentemente foi feito para ser lido e recitado ou até mesmo cantado e traz como mote a velha política ancestral do pão e do circo, na qual o povo se transforma em alvo e vítima de manobras escusas por parte de quem tem o poder em suas mãos.

Eu quero dançar contigo  
dentro da poesia,  
como dança o povo dentro do Estado.

Eu quero rebolar contigo em cada rima,  
como rebola o povo dentro do salário.

Eu escolho uma aliteração  
para a nossa vida:  
filhos, felicidade, família, feijão, farinha...  
como o povo, em fé, faz folia, forra a fome com futebol e fantasia.<sup>8</sup>

Dona de um estilo que mescla sensualidade com a busca das melhores soluções para o que tem que ser suscitado sem precisar expor os detalhes das entranhas carnis, é de Dilercy Adler o poema *Mulher*. A descrição sensual feita pela poetisa leva em consideração um conjunto de imagens de uma conjunção carnal sem precisar adentrar nos detalhes mais íntimos. Dessa forma, a escritora permite aos leitores uma “visualização” da cena a partir do campo semântico que remete ao tema do poema.

Corpo desnudo  
Sob os lençóis  
De cetim  
Pele sedosa  
E incandescente  
Contornos perfeitos  
Sob medida  
Para a gratificação  
De olhos ávidos

---

<sup>8</sup> CRISTINA, Wanda. *Rede de arame*. São Luís: Edições Mirante, 1986. p. 32.

Braços vigorosos  
E boca sedenta  
De paixão.<sup>9</sup>

De José Maria Nascimento, um dos bons poetas a várias gerações, destaco o poema *Contradição*, que se encontra enfeixado no livro *Constelação Marinha*, de 1992, no qual o eu lírico se coloca assim:

Hoje estou como podre canoa em água escura  
Partida em fragmentos;  
- Um pedaço aqui, o outro sempre viajando.

Por mais forte que seja o ideal não perdura  
No cerne dos sentimentos:  
- Sou a sombra contrária do que estou criando.<sup>10</sup>

Nesses versos, construídos em torno de paradoxos, o poeta utiliza-se de metáforas para representar um estado de espírito em que o ser humano se encontra em alguns momentos da vida. Palavras como fragmento, pedaço e água escura, associadas ao advérbio hoje, que inicia o poema, trazem a ideia de que a situação de dúvida, angústia e desilusão pode ser momentânea, porém, na segunda parte do poema essa ideia é posta em dúvida e o eu lírico demonstra estar preso nas próprias ações, que nem sempre surtem os resultados almejados. O poema exige reflexão e, embora com vocabulário simples, desafia o leitor a entrar no cerne das dúvidas suscitadas.

Para concluir, destaco a escritora Luiza Cantanhede, que recentemente estreou com seu livro *Palafitas*, do qual tiramos o poema *Treinamento*, transcrito a seguir.

Na barriga da minha mãe  
eu andava pelos babaçuais  
do Maranhão.

Não sabia ainda a função  
do machado. O coco aberto

<sup>9</sup> ADLER, Dilercy. Mulher. In: BRASIL, Assis. *A poesia maranhense no século XX*. Rio de Janeiro: Imago: 1994. p. 292.

<sup>10</sup> NASCIMENTO, José Maria. *Constelação Marinha*. São Luís: SIOGE, 1992. p. 31.



e ferido. O azeite.

Depois conheci a fome  
e a lâmina.<sup>11</sup>

Trata-se de um poema denso com incursões pelo chamado pacto autobiográfico e no qual as lexias utilizadas remetem a elementos de uma vida sofrida no campo e nos babaçuais maranhenses. A autora se exime de fazer uma descrição detalhada do dia a dia de alguém que passou por dificuldades na juventude. Ela prefere deixar o leitor montar mentalmente o quebra-cabeça oferecido em forma de *frames* que se encaixam perfeitamente na vivência de quem já utilizou instrumentos para retirar da natureza sua fonte de sobrevivência. Porém, mesmo imiscuído em uma temática social, não se nota no poema o tom de vitimismo, mas sim um olhar agudo e crítico para condições sociais que se repetem cotidianamente ao longo dos tempos.

Para cada um desses dez poetas e poetisas aqui citados, podemos ter certeza de que haveria pelo menos mais uma centena que também representaria muito bem nossas letras contemporâneas. Conforme foi dito no início desta breve conversa, temos muitos motivos para sentir orgulho de nossa literatura, de nossos autores e das palavras que emanam das páginas dos livros publicados dentro e fora de nosso Estado.

Para concluir, pois o tempo se esvaiu sorrateiramente e ainda temos outros momentos neste mesmo evento, devo dizer que parte do título desta palestra é uma singela homenagem à escritora Rosemary Rêgo, autora de *O Ergástulo Gozo da Palavra* e de *Pérolas do Tempo*, e que nos deixou recentemente. Desde sua partida, não apenas os amigos e familiares sentem sua ausência, mas também a própria poesia se ressentida dos versos que não foram escritos em sua breve, mas encantadora passagem por nosso mundo terreno.

---

<sup>11</sup> CANTANHÊDE, Luíza. *Palafitas*. São Paulo: Penalux, 2017. p. 51.